

Luzardo

O humor gráfico de Luzardo Alves



Luzardo

O humor gráfico de Luzardo Alves



Paraíba - 2016



O humor gráfico de Luzardo Alves

Luzardo Alves
Série Repertório, 23
2016 - 3ª edição



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB. 58045-180
marcadedefantasia@gmail.com
www.marcadedefantasia.com

Conselho Editorial:

Alberto Pessoa, UFPB; Edgar Franco, UFG; Edgard Guimarães, ITA/SP;
Gazy Andraus, UNIMESP; Henrique Magalhães, UFPB; Marcelo Bolshaw, UFRN;
Marcos Nicolau, UFPB; Paulo Ramos, UNIFESP; Roberto Elísio dos Santos, USCS/SP;
Waldomiro Vergueiro, USP; Wellington Pereira, UFPB

Editor/edição/textos - Henrique Magalhães
Capa - H. Magalhães sobre sobre ilustração de Luzardo Alves

A474h Alves, Luzardo
Luzardo: o humor gráfico de Luzardo Alves / Luzardo Alves. - 4ª ed. - Paraíba: Marca de Fantasia, 2016.
55p.: il. (Série Repertório, 23)
ISBN 978-85-67732-56-5
I. História em quadrinhos. 2. Humor. 3. Comunicação de massa.
I. Título

CDU: 741.5

Sumário

- 5. Arte cheia de prazer e graça
- 8. Luzardo Alves: fazendo humor com alegria
- 16. D'O Cruzeiro ao O Centavo
- 26. Bat-Madame: as pirações de uma heroína muito louca
- 44. Pataconho mostra a cara da cidade



ARTE CHEIA DE PRAZER E GRAÇA



Luzardo Alves é daqueles artistas que por certo tempo nos brindam com sua obra e desaparecem de cena, deixando um vazio onde antes havia só prazer. Ao contrário do que se possa imaginar, Luzardo continua vivinho e bem, traduzindo sua arte em objetos mais palpáveis, que lhe garantem o essencial para a sobrevivência.

Luzardo o chargista, o cartunista, o quadrinhista... o gravador. Como num círculo, sua vida deu um giro completo imbricando origem e fim, eterno recomeço e caminhar. De gravador de objetos, Luzardo

deu um salto para um traço mais solto e original, exprimindo as idiosincrasias humanas por meio de seus desenhos humorísticos, publicados em revistas e jornais.

Em meados da década de 1960, Luzardo trocou a Paraíba e a TV Jornal do Comércio, de Pernambuco, pelo Rio de Janeiro, onde foi trabalhar na revista *O Cruzeiro*, a mais importante do país. O jovem cartunista caíra na graça de Assis Chateaubriand, o *rei* da imprensa brasileira, que fora seduzido pela criatividade irrequieta do conterrâneo.

A aventura no Rio de Janeiro durou poucos anos, mas o suficiente para Luzardo marcar presença ao lado de Henfil, Millôr Fernandes, Péricles, Carlos Estevão, Juarez Machado, Nilson, Redi, Ciça, Daniel Azulay, Ziraldo, Zélio, Jaguar, Fortuna, enfim, o sumo do humor gráfico brasileiro. Além de publicar em *O Cruzeiro*, participou da *Revista do Rádio* e dos jornais *Correio da Manhã* e *O Dia*.

De volta à Paraíba, Luzardo articulou com os jornalistas locais a fundação do jornal alternativo *Edição Extra*, em 1971, seguindo a linha do semanário *O Pasquim*. Foi

no *Edição Extra* que criou, ao lado de Anco Márcio, uma das mais irônicas personagens dos quadrinhos paraibanos: *Bat-Madame*, que fazia uma sátira escrachada de *Batman* e dos costumes da região.

Com o fim do *Edição Extra*, que não chegou a duas dezenas de edições, Luzardo continuou publicando suas charges e cartuns nos jornais diários do estado, criando uma série de novos personagens. Para difundir ainda mais seu trabalho, editou a *Charge da Semana*, um folheto patrocinado pelo comércio local e com distribuição gratuita, onde a personagem *Pataconho* ironizava a



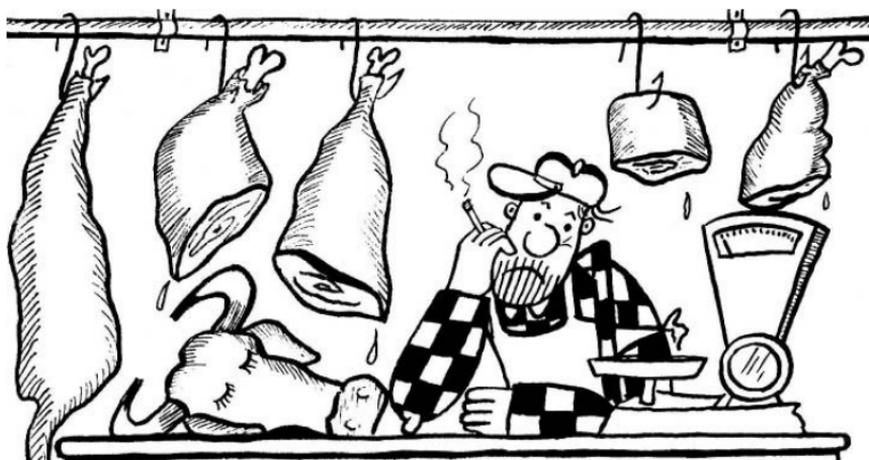
Bat-Madame, de Anco Márcio e Luzardo Alves

política e a banalidade de nossa vida cotidiana. Em 1973 as *Charges da Semana* foram reunidas num livro, muito apreciado pelo público.

Em 1997 a Gibiteca Henfil, de João Pessoa, promoveu na Galeria Archidy Picado, do Espaço Cultural José Lins do Rego, exposição retrospectiva da obra de Luzardo Alves e a Marca de Fantasia editou um catálogo reunindo as fases representativas de seu trabalho. Com isso, prestou-se uma merecida

homenagem a um de nossos mais importantes artistas, além de lhe ter possibilitado a retomada da produção artística.

Até o início dos anos 2000 Luzardo continuava trabalhando como gravador de objetos, especialidade que o acompanhou em todos esses anos. Em 2013 voltou a publicar charge diária no jornal *Já*, de João Pessoa, mantendo na atualidade sua verve criativa.



Pataconho fazia a crônica bem humorada da cidade

FAZENDO HUMOR COM ALEGRIA



Desde os anos 1960 Luzardo Alves da Costa é o gravador de objetos mais conhecido da cidade. Nascido no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa, em 9 de abril de 1932, Luzardo tem já um longo percurso de vida, do qual boa parte foi dedicada ao humor. Participou com suas charges e cartuns em publicações ilustres, como a revista *O Cruzeiro* e de quase todas os jornais da Paraíba.

Na década de 1960, Luzardo fazia um quadro ao vivo em programas de auditório na Rádio

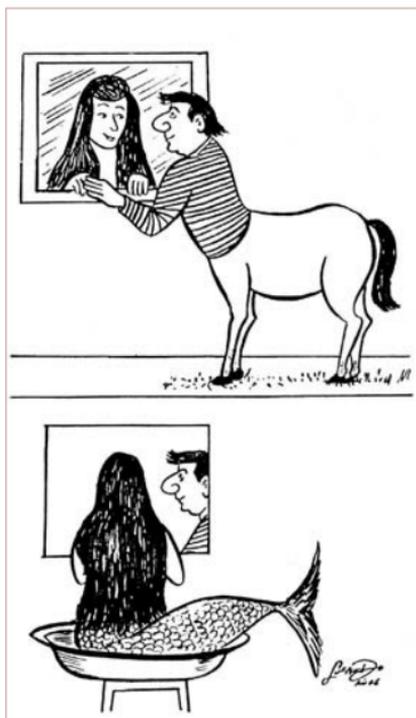
Tabajara, de João Pessoa e no programa de Fernando Castelão e Luís Geraldo, da TV Jornal do Comércio, de Recife, antes de ir ao encontro do sucesso no Rio de Janeiro. Hoje Luzardo continua com sua loja de gravação de objetos, na Galeria Jardim, no centro da capital paraibana, de onde nos concedeu esta entrevista. Em tempo: entrevista realizada em 6 de janeiro de 1997 para a primeira edição deste álbum.

Henrique Magalhães

Seu trabalho mais perene é o de gravador. Como foi sua trajetória profissional?

Comecei a trabalhar como gravador há 46 anos. Eu tinha saído do exército, estava numa fria comercial, fui ser camelô, vender meias na calçada aqui, em João Pessoa. Lutava pra cima e pra baixo e nada dava certo, até que encontrei

um amigo que me chamou pra trabalhar em sua oficina de copos de vidro. Eu estava trabalhando com ele e tive uma ideia. Falei que se ele conseguisse um aparelho de gravar - que não existia ainda em João Pessoa - eu seria um gravador. Certa vez ele encontrou um pra vender em Recife e comprou-o. Eu pensei que a coisa era fácil, mas não conseguia gravar de jeito nenhum. Passei uns dois anos lutando pra poder me sentir um pouco profissional. Então descobri que para ser gravador de objetos eu precisava ser desenhista. Naquela época eu gostava de cinema e já fazia meus *desenhos de cinema*. Acontece que, como desenhista, eu peguei um pedaço de vidro, botei esmeril no motor e fiz uma paisagem. Naquela hora eu senti que ganhei a minha vida e até hoje eu continuo vivendo disso.



Cartum publicado na revista *O Cruzeiro* em 17 de dezembro de 1968

Então antes de ser gravador você já desenhava.

Desenhava. Eu assistia um filme e depois desenhava com carvão e tijolo numa calçada lá no meu bairro, em Jaguaribe, a história do filme em quadrinhos. E era muita gente

pra assistir no dia que eu cismava de fazer aquilo!

Você gostava de quadrinhos?
Eu gostava muito de quadrinhos.

Seu trabalho ficou mais centrado na charge e no cartum que nos quadrinhos. Quando você começou a trabalhar com humor gráfico?

Numa campanha política há muitos anos foi que eu vim saber que fazia alguma coisa de humor. Tinha um candidato chamado Alcides Carneiro, que o povo não gostava muito; e eu naquela onda de menino, também não gostava muito dele. Então eu o desenhei como um sapo e o chamei de *Sapo de Orós*. Isso deu o que falar até no Sul. Daí foi que eu senti que fazia alguma coisa de humor gráfico. Nessa época, no governo de José Américo, eu trabalhava no jornal *A União* como encadernador e de vez em quando, quando faltava uma fotografia, me pediam um desenho de humor, uma charge.

Nessa época você já publicava quadrinhos ou só cartum e charge?

HUMOR

CARLOS ESTEVÃO



LUZARDO



Dobradinha Carlos Estevão/Luzardo.
O Cruzeiro, 11 de fevereiro de 1967

Era só cartum. Quadrinhos eu fazia, como disse, nas calçadas.

Que tipo de trabalho você prefere fazer, quadrinhos, cartum ou charge?

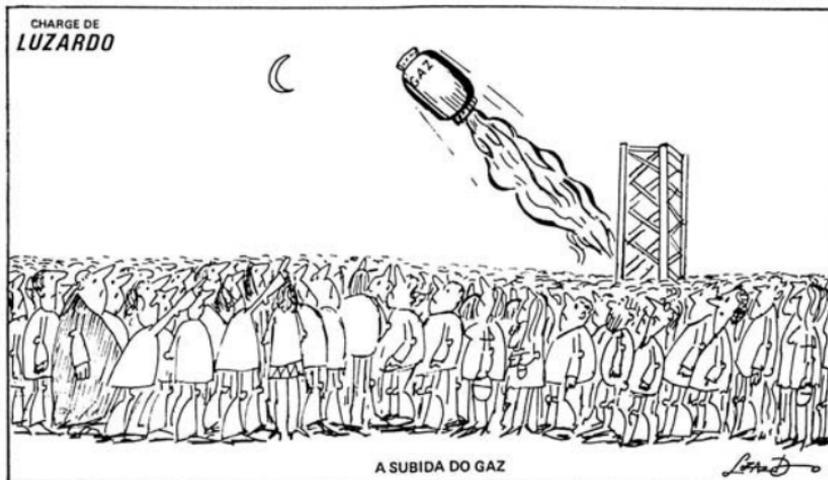
Eu considero cartum e charge praticamente a mesma coisa. Eu gosto muito de quadrinhos. Lá na revista *O Cruzeiro*, entre 1965 e 1970, meu trabalho no departamento de arte era fazer capas de revistas em quadrinhos, como *Bolinha* e *Luluzinha*.

Você foi ao Rio de Janeiro diretamente para trabalhar em O Cruzeiro?

Fui direto, sim. Eu fazia um trabalho no auditório da *TV Jornal do Comércio*, de Recife, no programa *Você faz o show*. Um cara fazia um traço em qualquer direção e eu fazia uma figura imediatamente, ao vivo. Aquilo fez com que Chateaubriand me visse e me convidasse para ir para *O Cruzeiro*. Foi um sonho que realizei. Meu sonho, ganhando dinheiro ou não, era ver toda semana o *Amigo da Onça*, que era publicado em *O Cruzeiro*.

Você chegou a conhecer Pérciles, o autor do Amigo da Onça?

Não, porque quando eu cheguei ao Rio ele já tinha morrido. Ele era um



Jornal *O Momento* (PB), 8 a 14 de abril de 1974

camarada que só vivia embriagado, era louco mesmo, de andar sujo, dormir no cais da praça XV com os bêbados pelo chão; mas de vez em quando ele vinha e prestava o serviço dele, com o *Amigo da Onça*. Depois que ele morreu foi feita uma equipe para fazer o *Amigo da Onça*, e dentro dessa equipe eu também estava, mas os créditos iam só para ele, o falecido Péricles.

Quem mais participava de O Cruzeiro na época? Ziraldo, Jaguar? Quando eu cheguei, Ziraldo já estava trabalhando em outra revista. Ele não era mais funcionário de *O Cruzeiro*, mas participava da equipe. Por exemplo, nós criamos *O Centavo* juntando todos os cartunistas do Rio de Janeiro. Depois de *O Centavo*, partiu-se para *O Pasquim*, mas aí eu já não participei.

Como foi a convivência com os grandes humoristas nacionais? Quando a gente entra no samba, eles têm que sambar com a gente. Quando eu vim conhecer Ziraldo, por sinal meu compadre Ziraldo, ele já estava querendo me conhecer, porque eu já estava publicando

em *O Cruzeiro*. Ele gostava do que eu fazia e quando me conheceu fez uma festa, e ficou amigo até hoje.



Em setembro de 1973 Luzardo lança a *Coletânea charges da semana*

Vocês são parentes?

Não. Todo mundo lá no Rio de Janeiro pensava que eu era da família dele, porque a gente usava apenas o sobrenome Alves, mas o nome dele é Ziraldo Alves Pinto e o meu Luzardo Alves Costa.

O contato com outros cartunistas abriu novas perspectivas para seu trabalho?

Aquilo ali foi uma faculdade, foi tudo na minha vida. Eu só não estou no Rio porque não dava mais para publicar lá; mas eu me sinto feliz de ter morado lá por seis anos. Aquilo foi uma coisa em minha vida que aconteceu só para minha alegria, só pra minha felicidade. Quando eu cheguei no Rio para ser cartunista todo mundo sentia que eu tinha qualidade. Chateaubriand só me levou por causa dos desenhos da TV. No programa eu fazia um quadro muito



Luzardo também fazia publicidade, sem dispensar o humor

rápido; num abrir e fechar de olho eu criava um cenário. Então ele achou que aquilo era importante e me levou. Mas acontece que, no cartum mesmo, eles não achavam aquela graça toda não. Eles diziam que meu traço era meio duro. Eles sentiam que eu tinha talento, só faltava *amolecer* o desenho, o que por sinal aconteceu, mas não tanto quanto eu queria.

De volta a João Pessoa, além de trabalhar como gravador, você fazia uma charge semanal patrocinada pelo Café São Braz. Qual a repercussão desse trabalho?

Isso repercute ainda hoje. Depois de 23 anos ainda tem amigos que me perguntam por que eu não procuro uma firma para me patrocinar para eu fazer o cartum toda semana.

Havia em seu trabalho alguma influência do Amigo da Onça?

Tem muita influência. Certa vez, quando eu trabalhava no jornal *O Norte*, Gonzaga Rodrigues dizia que eu estava em cima do trabalho de Péricles. Então decidi ir mudando meu traço.

Suas charges eram editadas numa folha de papel ofício e distribuídas. Como surgiu a ideia de criar essa nova mídia?

Não havia nada igual nem mesmo no Rio de Janeiro. Foi uma coisa que deu muito certo. Eu fazia uma charge por semana e o Café São Braz editava e distribuía cerca de 500 exemplares. A empresa me pagava um cachê pelo trabalho, não me lembro quanto, mas dava pra ajudar.

Fale do jornal Edição Extra e da criação da personagem Bat-Madame.

Bat-Madame é criação de Anco Márcio. Ele me convidou para desenhar uma personagem com aquele nome e eu criei aquela mulher com a bunda meio exagerada. Todo o texto era de Anco Márcio, que é um humorista nato.

No Edição Extra você participava com muitas ilustrações. Você fazia parte da equipe do jornal?

O *Edição Extra* foi criado por uma equipe, da qual eu fui um dos convidados. Na verdade, eu nunca gostei do nome do jornal. Eu queria algo mais humorístico, porque tudo o que se publicava ali era humor.

Havia alguma expectativa em relação ao jornal?

Havia. O *Edição Extra* era distribuído na segunda-feira, quando em João Pessoa não circulavam os outros jornais. Dessa forma, ele foi tendo repercussão, tanto que depois do nosso os jornais passaram a sair também na segunda-feira.

Quando você trabalhou no jornal O Norte como cartunista?

Eu comecei antes de criarmos o *Edição Extra*. Quando eu cheguei do Rio vim logo para trabalhar em *O*



Luzardo foi um dos criadores do jornal alternativo paraibano *Edição Extra*, inspirado em *O Pasquim*

Norte, porque ele pertencia aos Diários Associados, de Chateaubriand, que também editava *O Cruzeiro*.

Qual o impacto dos cartuns e personagens que publicou em O Norte sobre o futebol paraibano?

Tinha o *Botinha* (do Botafogo), o macaco *Altino*... O pessoal do Auto-Esporte não gostou do personagem porque achava que eu estava desfazendo do time. Como eu desenhava o cachorro do Botafogo bonitinho, eles achavam que eu era contra o Auto-Esporte, mas não tinha nada disso. Veja bem como eu criei o personagem: Auto é relativo a automóvel e o macaco é um instrumento de necessidade para alguns problemas com o carro. É um personagem bem bolado, mas eles não aceitaram essa ideia.

Você tem feito cartuns e quadrinhos atualmente?

Não, estou parado.

O que provocou a interrupção de sua produção?

O tempo não ajuda. Eu estou no comércio, tenho essa loja que exige muita responsabilidade. Mas quando tiver uma chance boa para tra-

balhar eu vou voltar a produzir.

Você gostaria de estar publicando?
Seria bom. Eu continuo do mesmo jeito. Eu penso que este ano vou fazer alguma coisa.

Você acredita na profissionalização dos quadrinhos brasileiros?
Infelizmente, não dá. Eu gostaria que aqui desse para todos nós fazermos nosso trabalho, mas a maioria que manda mesmo em nosso setor não acredita na gente. Mas isso acontece em todo o Brasil. Eu conheço bons desenhistas de quadrinhos no Rio de Janeiro que não têm direito nem de entrar na porta de uma grande editora. ♦



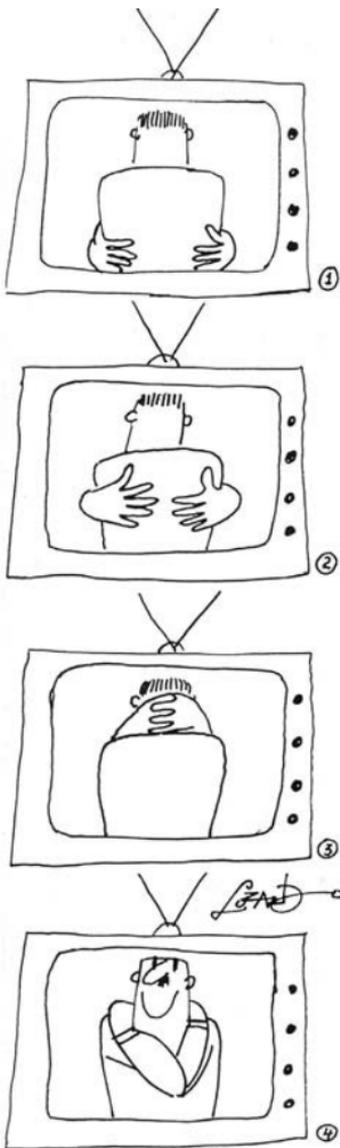
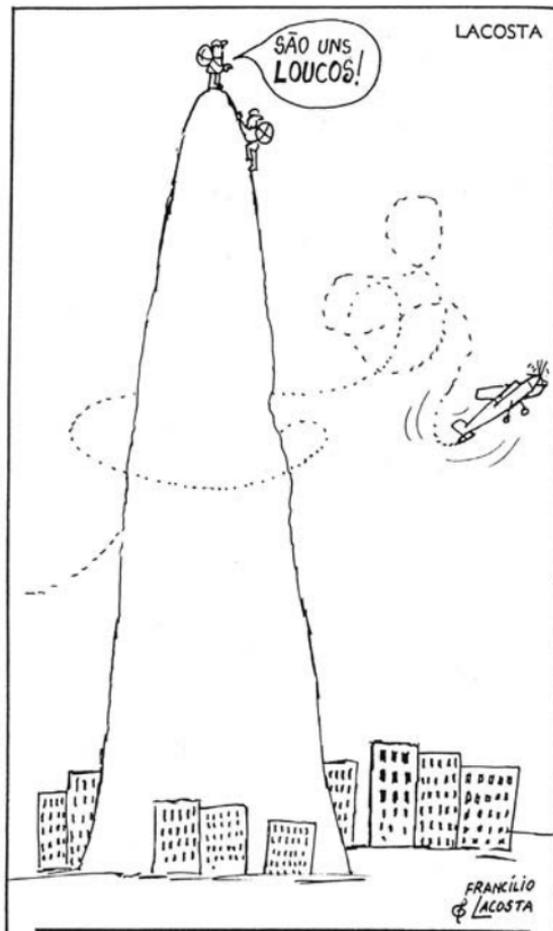
O CENTAVO

Em agosto de 1967 a revista *O Cruzeiro* agitava a imprensa brasileira convocando um time que não dava trégua à fossa. Nascia o suplemento de humor *O Centavo*, retomando a tradição do humorismo brasileiro tão contundente na primeira metade do século. Em pouco tempo formou-se uma turma excepcional de mais de trinta cartunistas entusiasmados pela possibilidade de expressão gráfica sem limites. Na equipe encontrava-se Luzardo Alves, representante paraibano entre as feras do humor do país.

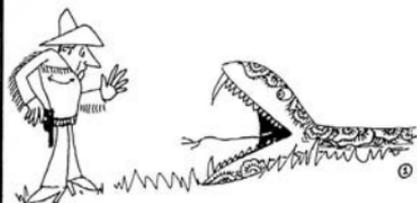


O Cruzeiro, 30/12/1967

O CENTAVO



Onde se lê Lacosta leia-se Luzardo



O Cruzeiro, 07/04/1970

**SEMPRE BELA
SEU ROSTO MANTERÁ
MOCIDADE PERMANENTE**

COM O USO DE

Um Só Creme!



ONDE NASCE A VELHICE
RUGÓS NA TESTA. Marcas o fim
de uma mocidade... destroem o

PIES DE GALINHA. Pequenos rugos
que aparecem no canto dos olhos,
que envelhecem o lisamente
CRANOS E ESPALMAS. Frequentes
fritórios ao cutis feminino, em
qualquer idade.



Prático e eficiente, o tratamento da pele com Rugól é também o mais rápido!



• Contra os efeitos do sol, do vento e do frio, Rugól age como suavizante e protetor. Rugól é o verdadeiro embelezador do cutis!

Ao fazer uma massagem com Rugól, os seus ingredientes penetram até as camadas sub-cutâneas, estimulam a circulação do sangue e ativam o funcionamento das glândulas: ao mesmo tempo, outros elementos da fórmula do Rugól, permanecem sobre a pele, desobstruindo os poros, limpando a cutis e protegendo-a. Rugól faz desaparecer rugas, espinhas, cravos, manchas e todas as imperfeições.

O "tratamento experimental de tres dias", com Rugól, mostrar-lhe-á os primeiros resultados, mantendo em sua cutis a beleza permanente de inalterável mocidade!



LABORATÓRIO
ALVIM & FREITAS
SÃO PAULO

CONSERVA A SUA
IDADE EM SEBÃO?

Creme
RUGÓL

HUMOR

LUZARDO



PESSOAS, COISAS E ANIMAIS

GILBERTO FREYRE

O LIVRO PORTUGUÊS

No Portugal de hoje, Augusto de Castro se salienta pelo que na sua inteligência é latino, sem deixar de ser castigadamente português.

Talvez dê-se possa dizer que é um tanto dilatante em seu modo de ser intelectual. Mas desde quando o bom dilettantismo — aquele que corrige os especialismos demasiadamente fechados — deve ser considerado pernicioso?

Em Augusto de Castro, o jornalista dificilmente pode ser separado do homem de letras. Artigo escrito por ele tem sempre qualquer coisa de ensaio literário.

Estava eu em Lisboa, o ano passado, quando Mestre Castro, saudando uma atriz portuguesa já gloriosa, recordou, em discurso, os grandes dias do teatro português no começo deste século. Ao genuíno homem de letras poderia ter realzado a evocação magnífica que lhe então realizou.

Aos seus admiradores não surpreende o que há de substancial na sua recente comunicação à Academia Internacional de Cultura Portuguesa sobre "Política do Livro". Como falar-se da universalidade da cultura portuguesa esquecendo-se o livro? Entretanto, a verdade é esta: o livro português é atualmente um clandestino.

No próprio Brasil, o livro português não tem, nos nossos dias, o relevo que deveria ter. E a presença tão manca, a sua, que é por vezes antes ausência do que presença.

É certo que uma vez por outra vem acontecendo, nos últimos anos, aos verzes ou aos cráneos de um autor português, alcançarem êxito no Brasil. Foi o que sucedeu a Fernando Pessoa. A João Gaspar Simões — até certo ponto.

Mas desde Fernando Pessoa, outros poetas, outros escritores, outros autores de valor — um Ruland Leitão, por exemplo — tem surgido em Portugal, sem que seus livros apareçam no Brasil. Por quê?

Augusto de Castro tem razão: o livro português precisa de uma política que o valorize. De uma política que dê irradiação à cultura de que é, livro português, "ê estelo".

Dai Augusto de Castro propor que se realize breve "um Congresso do Livro Português no Mundo" a que sejam chamados "economistas, publicistas, políticos, livreiros, editores". Ótima sugestão. Contanto que a êsse Congresso não falte a presença do polivalente — economista, publicista, político — e Nuno Simões.

Ora, ora! Não se deixe dominar pela sua mulher, Eduardo. Nós somos homens...



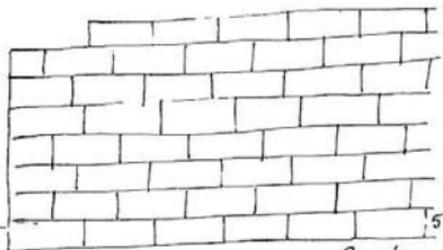
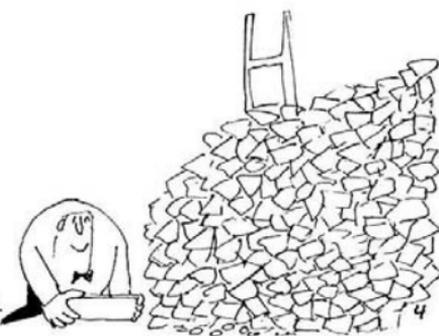
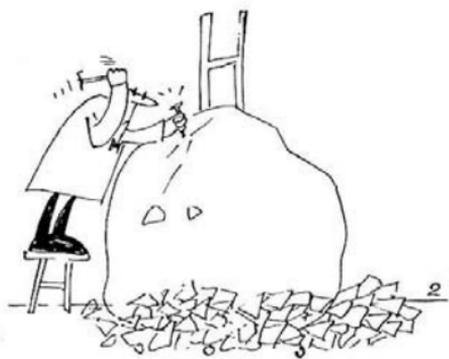
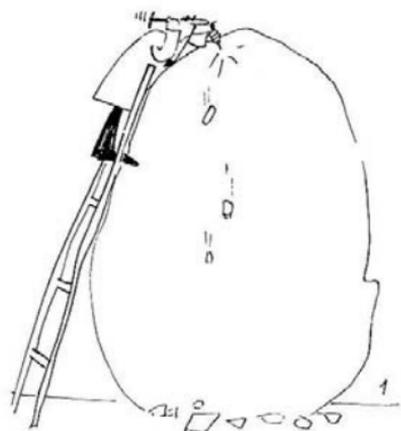
LUZARDO

O CENTAVO

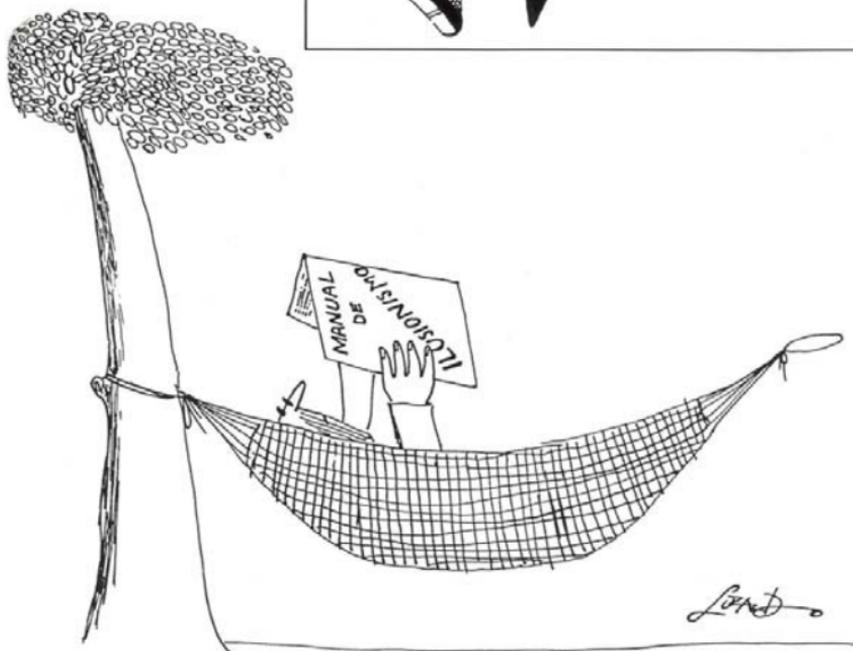
LUZARDO



Os artigos de Gilberto Freire, a pedido do escritor, eram acompanhados por um cartum de Luzardo. O Cruzeiro, 17/09/1966



Luiz



O Cruzeiro, 12/10/1968



O Cruzeiro, 22/06/1968



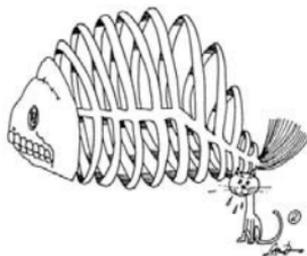
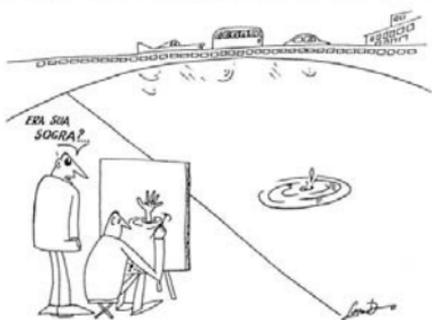
O Cruzeiro, 10/02/1970

HUMOR

LUZARDO



O humorista Luzardo vai deixar o Rio, onde chegou há seis anos e há cinco trabalhava nos Diários Associados e para O CRUZEIRO. Ele vai instalar sua banca entre João Pessoa, sua terra natal, e Recife. Volta para ficar.



Em 17 de janeiro de 1970 Luzardo despede-se da equipe, mas continua nas páginas de O Cruzeiro

BAT-MADAME

AS PIRAÇÕES DE UMA HEROÍNA MUITO LOUCA

Bat-Madame, criação de Anco Márcio com desenho de Luzardo Alves, surgiu com o jornal *nanico* paraibano *Edição Extra*, semanário editado em João Pessoa, primeiro jornal em offset do estado, que circulou entre 2 de agosto e 17 de outubro de 1971. Apesar de já fazer charges e cartuns há alguns anos, não havia para Luzardo a inclinação para os quadrinhos. A ideia surgiu com Anco na redação do jornal. Ele vinha do meio teatral, onde já exercitava sua veia humorística, daí foi só juntar suas piadas ao traço



caricatural de Luzardo para surgir Bat-Madame, uma personagem tresloucada que ironizava os melindres da sociedade paraibana.

O deboche começava pela própria personagem, que era uma visão escaçada de *Batman*. Bat-Madame trouxe ares inovadores aos quadrinhos paraibanos. O traço pouco convencional de Luzardo era reforçado pelo modo informal de fazer os contornos dos quadros. Não havia limite estrutural para a personagem, que chegava muitas vezes a interromper o argumento da história, afastar uma das hastes do

quadro e se dirigir ao leitor, o que era uma situação pouco usual nos quadrinhos.

Bat-Madame era o melhor retrato da linha editorial do *Edição Extra*. O fato de o jornal ser alternativo, numa estrutura em que só existiam as grandes empresas, já lhe dava uma importância fora do comum. Na realidade, o *Edição Extra* era um jornal fora do comum. Inspirado em *O Pasquim*, maior

renovador da imprensa brasileira na segunda metade do século 20, *Edição Extra* assimilava muito bem o senso crítico e humorístico desse semanário carioca, focalizando os acontecimentos políticos e sociais do estado.

No *Edição Extra*, além de *Bat-Madame*, foi publicado *O Paraíso visto por Luzardo*, série com histórias irreverentes sobre a criação da humanidade.



BAT-MADAME



BAT-MADAME VESTE SUA FARDA DE PEGAR HOMEM



VOU COMEÇAR MINHA RONDA NOTURNA



ANCO & LUZARDO

HOJE EU ARRANJO O HOMEM DE MINHA VIDA



LAGOA: ESCURIDÃO TOTAL

ÔBA! AQUI A BARRA É BOA! SAI MUITO HOMEM DA BAMBU...



ATENÇÃO BRASIL! ALÔ VALDIR! B.M. VAI ATACAR VIA EMBRATEL!



ÓBRIGADO PELE! ACHEI MEU HOMEM...



"AI, MEU SANTO ONOFRE! UMA MORCEGA!!! VÔTÊ..."



MORCEGA O Q. BONECA? EU SOU A BAT-MADAME!

AI, ME LEVA PRA CONHECER O BATMAN EU ADORO AQUELE HOMEM



HOMEM QUE NADA MINHA FILHA, SE ELE FOSSE HOMEM EU NÃO TAVA AQUI PENANDO ESSA HORA...



BAT-MADAME



GANHEI!
FIZ 13 PONTOS!



AGORA SIM, COMPRAREI UM
HOMEM PRÁ MIM, OBRIGADA PELE!



GANHARAM 8.635 PESSOAS!



DEU PARA
A SENHORA
383.20 CRUZEIROS



COM ESSE
DINHEIRO
NÃO DA
PARA ARRANHAR
GRANDE
COISA,
NÃO.

AGENCIA DE
HOMENS
VENDE-SE
FACILITA-SE



TEM JEITO NÃO.
NEM LOTERIA. ACHARAM
POUCO BATMAM MANDARAM
OUTRA DANDOÇA!!!

DA LICENÇA
FASTAR
ESSE QUADRO
PRÁ BOTAR OS
NOMES DOS MEUS
HOMENS.



OLÁ BAT-MADAME!
SEI LAVAR COZINHAR
COSTURAR E ORDAR
TUDO EM FIM. SOU
PRENDADA...



LUZARDO
E
ANCO

BAT-MADAME

CAMPINA
em
GRANDE

ADORO
CAMPINA GRANDE
TANTO PREDIO!
E O AÇUDE!
Q. LINDO!



E O COMÉRCIO! UM
DOS MAIORES DO NORDESTE



A LEMANHA
FAZ VOLKS?
CAMPINA TAMBÉM
FAZ ...



EEUU.
FAZ ISQUEIRO
RONSON?^o
CAMPINA
TAMBÉM FAZ...



CASA DA MOEDA
FAZ DINHEIRO?
CAMPINA FAZ
MELHOR AINDA...



MAS FELIZMENTE
EXISTEM COISAS Q. NEM
CAMPINA PODE IMITAR
EU POR EXEMPLO,
SOU ÚNICA NO MUNDO,
E TEM MAIS...



TEM JEITO NÃO
CAMPINA E CAMPINA!



ANCO & LUZARDO

LUZARDO
AND
ANCO
PRESENTS:

BAT-MADAME

ATENDENDO A PEDIDOS, FEITOS
ATRAVÉS DE CARTAS VOU RETIRAR
MINHA MÁSCARA.



ATENÇÃO!
UM DOIS,
TRÊS, JÁ!



PRONTO.
SATISFEITAS DANDOCAS...?



Edição Extra, n.5, 30/08 a 05/09/1971

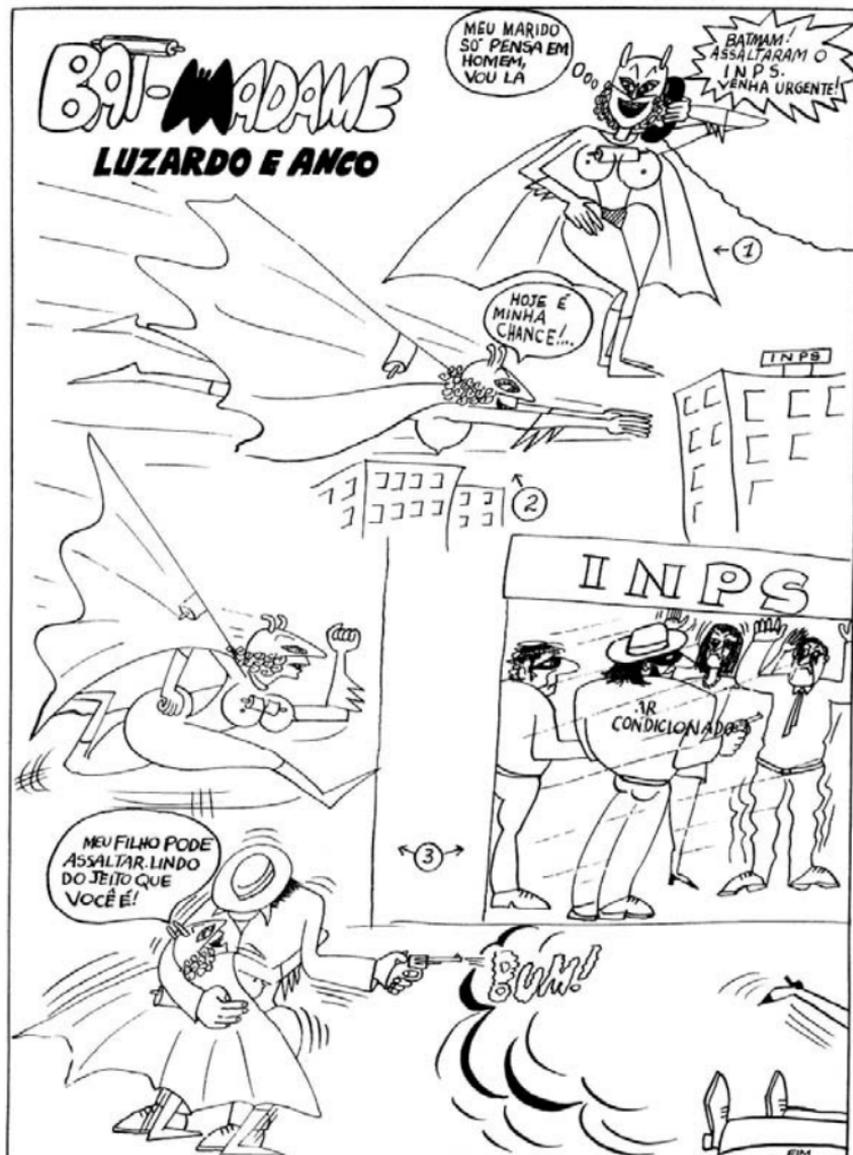
"AS ÁRVORES,
MEU FILHO,
NÃO TEM ALMA...
ADORO AUGUSTO DOS ANJOS..."



ANCO
&
LUZARDO com BAT-MADAME

A DORO E DISCORDO.
VOU PROVAR AGORA
MESMO QUE ARVORE
TEM ALMA...





Edição Extra, n.7, 13-19/09/1971

ANCO AND LUZARDO

PRESENTS:

BAT-MADAM

UM CABELO LOURO!
BATMAN ESTÁ ME TRAIANDO
VOU SAIR E
DESCOBRIR TUDO.



AH, CRETINO...
SE FAZENDO DE
DANÇOÇA SÓ PRA
ME ENGANAR...



MEU DEUS...!
QUE HORROR...!
O NEGÓCIO AGORA
É PÚBLICO...

THE END

BAT-MADAME NA ESCOLA

LUZARDO E ANCO



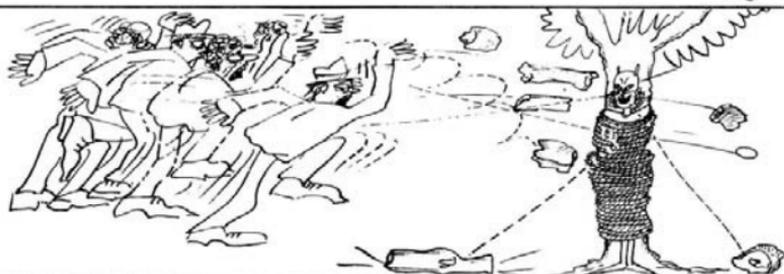
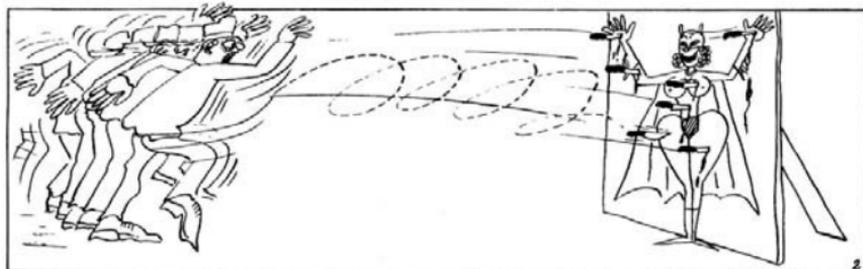
Edição Extra, n.9, 27/09 a 03/10/1971



BAT-MADAME

A IMORTAL

Anco e Lardo



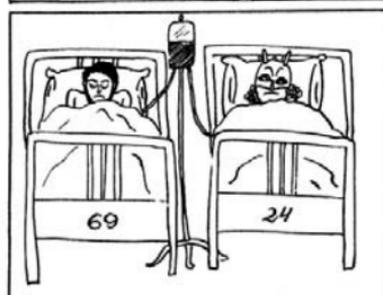
Edição Extra, n.10, 03-09/10/1971



LUZARDO & ANCO

BAT-MADAME

No Hospital



NOVELA
**O PARAÍSO
VISTO POR LUZARDO**

1º CAPÍTULO
UM ESCULTOR DO BARRO ÔCO

**Q. IDÉIA BEM
BOCADA!**



**UM APERTINHO AQUI,
UMA ALISADINHA ALI...**



AVE, ADÃO



**A MELHOR SOLUÇÃO
É SOLTAR NO BRASIL!**



**VAI, ADÃO!
VAI, SER LICENCIOSO
NA VIDA!**



**CADÊ AS
COBRAS
DAQUI ???**



**CONTINUA NO
NÚMERO 8**

COLABORARAM NESTE CAPÍTULO ANCO E SITO



NOVELA
O PARAÍSO
VISTO POR LUZARDO

CAPÍTULO 2
SHOW DE BICHA



COLADORU NÊSTE CAPÍTULO ZEITO

Edição Extra, n.8, 20-26/09/1971

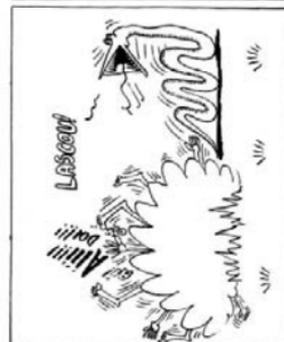
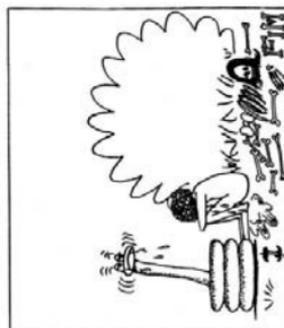


NOVELA
O PARAÍSO
VISTO POR LUZARDO

3º CAPÍTULO

FOSSA





O PARAISSO VISTO POR LUZARDO
 São o décimo: CAPÍTULO AS LÁGRIMAS DE ADÃO





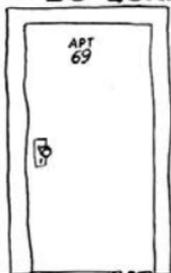
LUZARDO



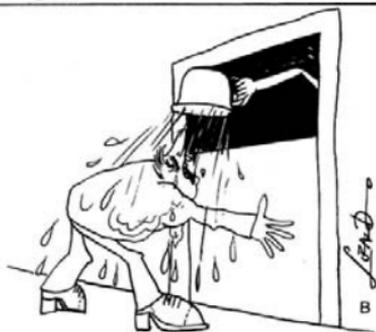
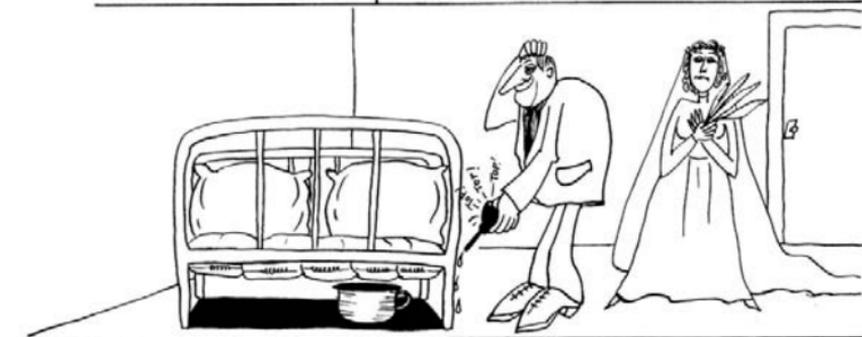
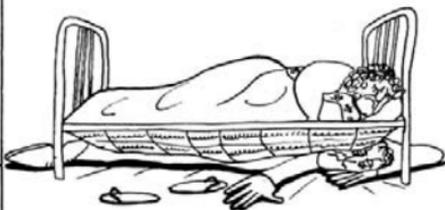
VEM AÍ O
ALMANAQUE DE LUZARDO

coisas

DO QUARTO!



LUZARDO



Edição Extra, n.4, 23-30/08/1971

PATACONHO MOSTRA A CARA DA CIDADE

Durante meses, no início dos anos 1970, *Pataconho*, inconfundível personagem criado por Luzardo Alves, circulou num folheto semanal com suas charges. *Pataconho* pode ser descrito como um gozador, que oscila entre a malandragem carioca e a seriedade paulista. Como todo bom personagem humorístico, *Pataconho* mete o bedelho em tudo, de forma nem sempre oportuna. *Pataconho* segue a linha do humor cáustico do *Amigo da Onça*, despertando o lado crítico do leitor.

As *Charges da Semana*, editadas por Luzardo, tinham ainda o charme de contar com a participação de figuras populares da cidade contracenando com seus personagens. Numa das edições temos *Vassoura*, figura muito conhecida pela sua extravagância e impropérios. Numa das campanhas políticas, nos idos do regime militar, a guisa de voto de protesto o povo votou em massa em *Vassoura*. Resultado: ela foi eleita, mas não chegou a tomar posse porque não era candidata. Isso não a impediu de ir cobrar sua vaga, entrando no Palácio da Re-



denção, sede do Governo do estado, montada em seu cavalo.

Outras figuras emblemáticas foram o poeta Mane Caixa d'Água e Enock Pelágio, radialista polêmico que fazia a crônica policial da cidade. Assim como Caixa d'Água, Enock aparece em várias charges de Luzardo, que utiliza em abundância sua protuberância maxilar como elemento chave de caricatura, mas também o caráter popularesco da personalidade/personagem.

As *Charges da Semana* eram patrocinadas pelo comércio local. Optamos por apresentar os folhetos com sua programação visual original, sem retirar as publicidades, embora as empresas não tenham participado desta edição.

- CHARGE DA SEMANA -

Nº 1

LUZARDO

16-8-72



QUER TIRAR TODO ?...

- NOBEL -

Distribuidora de Livros Ltda.

UM LIVRO PARA CADA FIM

Matriz: NATAL-Rn = Filial: JOÃO PESSOA-Pb.

REALCHIC

na alta moda

- RUA PADRE MEIRA, 131 -

(DESCIDA PRÁ LAGOA)

CHARGE DA SEMANA

9

LUZARDO
13 - 10 - 72

Este número marca estreia do novo personagem



Gratias - po

VISITE O CAFEZINHO

SÃO BRAZ

no viaduto ou tradicional ponto cem reis.

CHARGE DA SEMANA

10

18/10/72



VISITE O CAFEZINHO

SÃO BRAZ

no viaduto ou tradicional ponto cem reis.

CHARGE DA SEMANA

12

1 / 11 / 72



CHARGE DA SEMANA

16
28-11-72

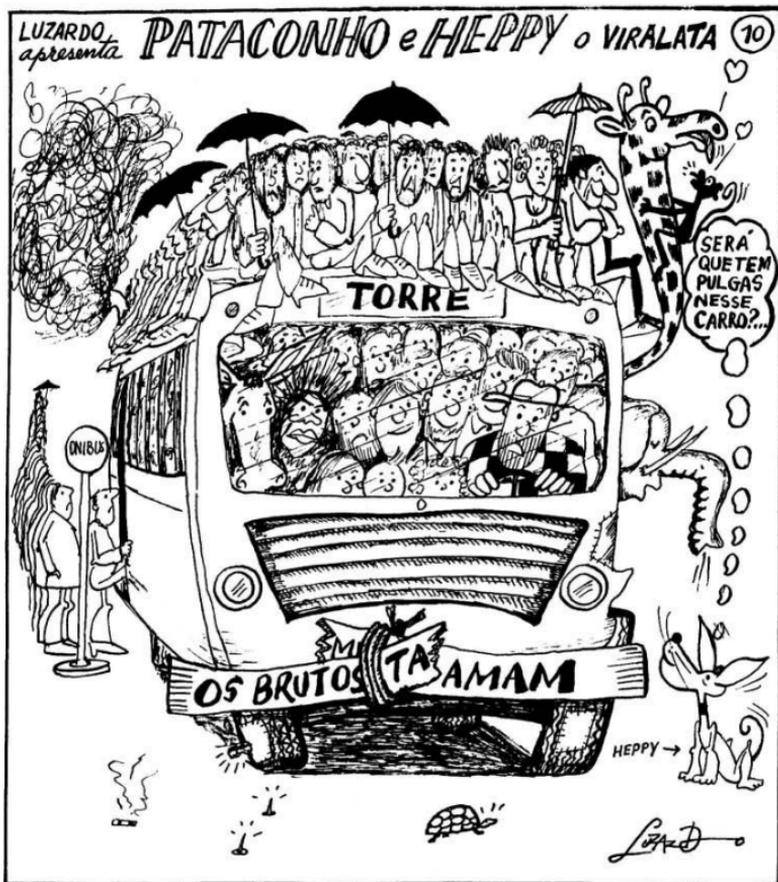


CHARGE DA SEMANA

17

5-12-72

LUZARDO apresenta **PATACONHO e HEPPY o VIRALATA** 10



VISITE O CAFEZINHO

SÃO BRAZ

no viaduto ou tradicional ponto cem reis.

E AGORA, NOSSO COMERCIAL!

GRACAS A SÃO BRAZ PRA' SEMANA TEM MAIS!...

CHARGE DA SEMANA

nº 19

19-12-72



E AGORA,
NOSSO
COMERCIAL!

VISITE O CAFEZINHO

SÃO BRAZ

GRACAS A SÃO BRAZ
PRA' SEMANA
TEM MAIS!...

SERVIDO NOS MELHORES AMBIENTES
no viaduto ou tradicional ponto cem reis.

CHARGE DA SEMANA

Nº 21

— LUZARDO apresenta PATACONHO —

2-1-73



VISITE O CAFEZINHO
SÃO BRAZ
O ÚNICO QUE SATISFAZ
no viaduto ou tradicional ponto cem reis.

CHARGE DA SEMANA

VISITE O CAFEZINHO

SÃO BRAZ

E COMPARE

no viaduto ou tradicional ponto cem reis.

Nº 29

LUZARDO apresenta PATACONHO

26.2.73



GRAVE SEUS OBJETOS COM LUZARDO, FIZEMOS CARIMBOS - PÁREA A. LÔBO - FITEIRO

CHARGE DA SEMANA

Nº 24

LUZARDU apresenta PATACONHO 24-1-73

